



O dossiê deste número da **Revista USP** é dedicado à produção daquilo que Umberto Eco denominou de memória vegetal. Ele estava se referindo, claro, ao livro, esse objeto que, com exceção do pergaminho, feito de pele animal, consolidou-se de fato na forma vegetal, desde o papiro até o papel. Com a revolução desencadeada por Gutenberg e com sua difusão, o livro passou a interferir na cultura como nunca antes havia acontecido. Assim surge a figura do editor, responsável este por dar o suporte material sem o qual um texto jamais chegaria ao leitor.

O foco deste “Edição e Política” é o livro feito no Brasil, mais precisamente aquele produzido entre as décadas de 50 e 80 do século passado. Os protagonistas são aqueles editores (e autores) os quais, nesse período que se estende do pós-Segunda Guerra Mundial ao pré e pós-Golpe de 64, vislumbraram a possibilidade de pensar e dar sentido a um país que, enquanto se modernizava, permanecia cindido por visões políticas tão distintas quanto antagônicas. E assim se explica o subtítulo inscrito na capa desta edição: cultura, censura e batalhas ideológicas no Brasil.

O dossiê foi coordenado por Marisa Midori Deaecto, historiadora e professora de História do Livro da Escola de Comunicações e Artes da USP, e por Hugo Quinta, pós-doutorando em Editoração na mesma ECA-USP. O cuidado com que organizaram e imprimiram uma unidade temática às contribuições aqui presentes, a mostrar o alcance do papel das editoras (e de seus respectivos editores) na construção e compreensão do Brasil contemporâneo, é de fato digno de aplausos e, quero crer, já faz deste conjunto de artigos uma referência para os estudos sobre a história do livro e da produção editorial no país.

Jurandir Renovato